

**PESTE NEGRA: UMA ANÁLISE FILMOGRÁFICA PARA SALA DE AULA****BLACK DEATH: A FILMOGRAPHIC ANALYSIS FOR THE CLASSROOM**

Resumo: A Peste Negra devastou o mundo no período medieval, particularmente entre 1347 e 1351, pela sua rápida propagação e ausência de métodos preventivos e de cura. No medievo essa pandemia gerou um medo coletivo diante da ausência de diagnósticos científicos e da própria mentalidade do período. Esse blecaute pandêmico tem sido objeto de análise dos medievalistas que têm ressaltado inclusive a falta de expectativas para a própria existência humana. Para além dos historiadores, o tema em questão também inspirou cineastas de maneira muito ampla. Nesse sentido, o presente artigo se propõe fazer uma análise de três filmes – Morte Negra (2010), Caça às Bruxas (2011) e O Cavaleiro das Trevas (2013) –, nos quais a peste negra é pano de fundo. O objetivo do estudo, interdisciplinar por envolver História e Cinema, é fornecer a professores de História uma base analítica para trabalhar esse aspecto da Idade Média em sala de aula de forma didática.

Palavras-chave: Peste Negra; Interdisciplinaridade; Cinema; Ensino de História.

Abstract: The black death devastated the world in the medieval period, particularly, between 1347 and 1351, by its fast spreading and absence of methods of prevention and healing. In the Middle Ages, this pandemic created a collective fear due to the lack of scientific diagnostics and the period's own mentality. This pandemic blackout has been the object of analysis of medievalists who have remarked the lack of expectations to the very human existence. Beyond historians, this theme has also inspired moviemakers in an overly broad manner. In this sense, this article constitutes an analysis of three movies – Black Death (2010), Season of the Witch (2011) and The Knight of the Dead (2013) – in which the black death is the background. The objective of the study, interdisciplinary as it involves History and Cinema, is to provide History teachers an analytic basis to work dynamically with this aspect of the Middle Ages in the classroom.

Keywords: Black Death; Interdisciplinary; Cinema; History teaching.

Roberto Radünz
Doutor em História
pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande
do Sul (PUC/RS).
Professor do Curso
de História na Universidade
de Caxias do Sul (UCS).
Docente do Programa
da Pós-Graduação
em História da UCS.
rradunz@ucs.br

Henrique Bondan Rampazzo
Graduado em História
pela Universidade
de Caxias do Sul (UCS).
Mestrando em História
na UCS.
hbrampazzo@ucs.br

DOI: <https://doi.org/10.4013/rlah.2021.1025.10>

Introdução

O presente artigo consiste na análise interdisciplinar entre História e Cinema de três produções cinematográficas que utilizam a peste negra e o medo como pano de fundo, visando ao fornecimento de uma base analítica para professores do Ensino Médio e Superior trabalharem esse aspecto do medievo, bem como de sugestões para o uso dos longas-metragens em sala de aula.

Em decorrência da falta de produções nacionais que tratam sobre o tema, foram escolhidas três produções internacionais. O processo de análise de cada cena se dará a partir de uma seleção das cenas nas quais a peste é relevantemente retratada ou referenciada pelas personagens; cada cena será resumida e analisada, sendo respaldada por medievalistas como Delumeau (1989) e Le Goff (2006, 2016).

A estrutura deste artigo está dividida em três partes: a primeira é uma breve introdução sobre a peste negra e os medos coletivos medievais, suas principais características e importância; a segunda diz respeito à análise dos três filmes, “O Cavaleiro das Trevas”, “Caça às Bruxas” e “Morte Negra”, escolhidos por suas premissas que utilizam a peste negra como elemento principal do pano de fundo de seus enredos; finalmente, é realizado um apanhado da importância da utilização do cinema no ensino e nas aulas de História (Napolitano, 2003), seguido de sugestões acerca de possíveis atividades para tratar dos assuntos analisados em cada filme e, de maneira geral, sobre toda a Idade Média.

1 A PESTE

A peste negra é um assunto amplamente explorado por vários autores. Como o foco desse artigo é uma análise dos filmes escolhidos, que tem a peste como ambientação, especialmente sob a ótica de autores como Jean Delumeau (1989) e Jacques Le Goff (2006; 2016), será apresentado apenas um resumo sobre a trajetória e as principais características da doença, e não se atermá, aqui, a uma descrição pormenorizada dos males somáticos que são analisados em Gottfried (1983) e William (1983). A peste negra, também chamada de peste bubônica, apareceu inicialmente no ano de 541, vinda da África ou da Ásia Central. Contudo, sua epidemia mais marcante e explosiva chegou à Europa Ocidental quase um milênio depois, vinda da Ásia Central, na década de 1340, por meio de navios genoveses, oriundos da feitoria de Caffa, na Criméia (Le Goff; Schmitt, 2006).

Durante o inverno de 1347-1348, ela devasta a Toscana e a Provença; em sua forma bubônica, ela atinge Bordeaux, os portos ingleses, depois Londres e Paris; progredindo de 30 a 130 km por mês, ela atinge as regiões mais povoadas ao longo dos grandes eixos viários. (Le Goff; Schmitt, 2006, p. 461).

Suas características principais envolviam um contágio extremamente potente, rápido e em levas. Embora os contemporâneos da doença não conhecessem sua causa e especulassem sobre as formas de contágio, desde imaginação (Quírico, 2012), envenenamento de poços (Follador, 2016) ou mesmo pela “má qualidade do ar, causada pela astrologia” (Delumeau, 1989, p. 158-159), sua disseminação deu-se pelas pulgas de ratos e humanos que migravam de hospedeiros doentes para hospedeiros saudáveis, transmitindo o bacilo responsável pela enfermidade. Outras vertentes da peste podiam ser transmitidas por contato entre as gotículas de saliva dos infectados e as pessoas saudáveis, como é o caso da peste pulmonar.

A vertente bubônica gerava uma inflamação nos gânglios linfáticos que criava o afamado bubão, com a aparência de uma grande bolha, mais comum nas axilas e virilha, mas podendo se espalhar pelo corpo, também tornando a pele azulada ou esverdeada com a necrose. O quadro clínico da doença “envolvia calafrios, dores de cabeça, vômitos, irregularidade de pulso, altas febres, delírio e inchaços na língua” (Delumeau, 1989, p. 111).

A mortalidade da pestilência chegou a vitimar mais da metade dos habitantes de diversas localidades da Europa, matando algo em torno de um terço da população do continente. Como afirmam Le Goff e Schmitt (2006, p. 517): “O levantamento será assustador: 11000 mortos em um mês em Avignon, 750 das 1800 almas do burgo de Givry, na Borgonha”. Sua duração foi igualmente longa, compreendendo períodos intercalados entre os séculos XIV e XIX na Europa Ocidental, com maior vulto durante as décadas de 1340 e 1540 (Le Goff; Schmitt, 2006; Delumeau, 1989). As reações à peste foram exacerbadas, e sua responsabilidade atribuída à ira divina sobre “os pecados da terra”, com delegação de culpa aos “inimigos da cristandade”, como bruxas, feiticeiros, demônios (Delumeau, 1989) e judeus.

Dentre diversas outras características, a peste bubônica é considerada a epidemia mais mortal do continente europeu, e teve grande impacto na vida, na mentalidade, no medo coletivo, no modo de agir e pensar, na economia e na arte do medievo tardio.

2 ANÁLISE DOS FILMES

Nessa análise foram selecionados três filmes que têm como temática a Peste Negra, especialmente sua epidemia medieval inicial, com período e características já referenciadas. O critério de escolha de cada filme foi baseado em suas premissas, com a pestilência como tema central ou forte pano de fundo, visando a uma análise comparativa entre o que os filmes, todos produções de entretenimento, sem um compromisso com a veracidade histórica, apresentam enquanto características gerais da epidemia na Europa Ocidental. A seguir, serão apresentadas as informações técnicas de cada um dos filmes, um resumo das cenas onde a Peste Negra, ou informações a seu respeito, aparecem, e uma análise destas cenas segundo as informações de medievalistas.

O primeiro filme analisado tem por título “O Cavaleiro das Trevas”, do inglês *The Knight of the Dead*. Com oitenta e dois minutos, ele foi dirigido por Mark Atkins, e produzido por ele, em conjunto com Jeffrey Giles, Erika Steele e Michael Lurie. Lançado em 2013, a produção britânica teve orçamento consideravelmente menor que os outros filmes desse artigo. Seu enredo diz respeito a um grupo de cavaleiros e monges, que tinham a missão de transportar uma relíquia sagrada de um mosteiro atingido pela peste até um local seguro, e acabam por se envolverem com bandidos, ficando presos em um vale onde os mortos pela peste se levantavam em estado semimorto.

As cenas mais relevantes do filme estão em seus primeiros minutos, onde a presença da peste é mais marcante, sendo que, conforme a história se desenrola, o enredo se torna mais fantástico e a peste é relegada a segundo plano. A sequência inicial é composta pela animação de iluminuras e pinturas renascentistas sobre a peste, com elementos da iconografia clássica da mesma, como esqueletos, flechas e campos de corpos (Delumeau, 1989). O narrador inicia sua fala explicando que na Inglaterra, em 1349, o ano em que a pandemia alcançou as Ilhas Britânicas (Le Goff; Schmitt, 2006), houve uma grande mortalidade de homens, caracterizando a doença como a maior epidemia jamais vista. (Le Goff; Schmitt, 2006). Da mesma forma, ele descreve as mortes ocorrendo com bubões e pústulas que entraram em erupção, juntamente com vômitos de sangue e profunda aflição mental, sintomas corroborados por Delumeau (1989). Medidas de distanciamento por conta do terror também são mencionadas, assim como o êxodo de vilarejos infectados, acometidos por mortalidade extrema, cuja explicação é apresentada como parte da fúria divina pelos pecados da humanidade (Delumeau, 1989; Le Goff; Schmitt, 2006; Quírico, 2012).

Após a introdução, as primeiras cenas do filme ainda contêm a peste como elemento principal. Quando o grupo de protagonistas entra em um mosteiro infectado, diversos corpos são encontrados, com pústulas pelo corpo. Um padre, contudo, ainda está vivo, mas manda que os homens se afastem para evitar contágio, abençoando-os à distância. A precaução parece embasada, pois, segundo Quírico (2012, p. 137): “O grau de contágio da enfermidade era tão intenso que o cronista Jean de Venette acreditava que este se dava *ex imaginatione*. E mesmo dentre os médicos havia quem esperasse a contaminação pelo olhar”. Em outra cena, dois cavaleiros salvam uma mulher que estava sendo abusada, mas constatam que ela tem a peste e que está em sofrimento e morrendo, apesar da falta de sinais corporais, como os bubões ou a pele azulada, que indicassem isso. Ela é deixada para morrer, apesar de que um dos homens tem contato direto com ela e não demonstra receio. Outra cena mostra ainda uma cova comunal, onde diversos corpos foram postos um em cima do outro, sem serem, todavia, propriamente enterrados, apenas empilhados.

O segundo filme escolhido foi “Caça às Bruxas”, do original, em inglês, *Season of the Witch*. O longa-metragem de noventa e três minutos foi dirigido por Dominic Sena e produzido pela Atlas Entertainment, uma empresa cinematográfica norte-americana. Ele conta com um elenco de atores conhecidos, como Christopher Lee e Nicholas Cage, tendo sido lançado em 2011, com estreia nos Estados Unidos. A história se desenrola em torno de um grupo composto de três cavaleiros, um padre, um coroinha e um mercador cuja missão é transportar a bruxa “culpada pela peste negra”, segundo a Igreja, para um monastério onde ela deve ser exorcizada.

Os primeiros dez minutos do filme contam a história fictícia de dois cruzados em sua peregrinação contra os muçulmanos. Contudo, as datas divergem em muito das grandes cruzadas e das batalhas nos locais apresentados (Le Goff, 2016). Os próximos dez minutos, contudo, tratam de forma mais abrangente da Peste Bubônica, assim como cenas esparsas pela duração da obra cinematográfica. Apesar de haver outros temas de plausível análise dentro do longa, como a caça às bruxas, este artigo vai se deter apenas nas cenas relevantes à peste.

Em um primeiro momento, os dois cavaleiros retornados das Cruzadas não encontram ninguém em seu caminho, até chegarem a uma casa abandonada. Ao entrar, eles veem as portas bloqueadas e as janelas cobertas por panos (Delumeau, 1989); encontram um casal de fazendeiros morto, em estágio de putrefação avançado, pele azulada e bubões. Contudo, os bubões são demasiado grandes e espalhados, possivelmente com o propósito de

gerar maior impacto visual para a obra cinematográfica. Na cena seguinte, os cruzados entram no castelo principal de uma vila, com uma série de elementos característicos da peste, segundo os medievalistas: uma mulher lhes estende uma cruz, sinalizando a religiosidade dos tempos de pânico (Delumeau, 1989; Le Goff; Schmitt, 2006); pedintes nas varandas que imploram por ajuda; flagelantes infligem dor a si mesmos, implorando ao Pai Celestial para que aceite o sofrimento como sacrifício em troca da misericórdia para as cicatrizes da peste (Quírico, 2012).

Ao parar para pedir informações, outro cavaleiro lhes informa sobre a natureza da peste, dizendo que ela está por toda a terra, não tendo cura, e que começara há três anos e três meses. Essa informação, porém, não é condizente com a datação do filme, que estabelece a história no ano de 1344, na Áustria, quatro anos antes da grande epidemia atingir o mundo ocidental europeu, como anteriormente mencionado. O cavaleiro também lhes informa que a peste toma três de cada quatro pessoas, sendo que ele próprio enterrou sua esposa e dois de seus filhos, levados pela pestilência, o que condiz com a realidade da época, não poupando nem mesmo as crianças, como exemplifica o excerto de Schmidt (*Apud* Quírico, 2012, p. 140):

A dor do pai é ainda aumentada pelo fato de que, por sua culpa, seu filho morreu sem ter recebido os últimos sacramentos. Giovanni não conseguia admitir que Alberto ia morrer, pensava também que Deus perdoaria uma criança tão nova. Um ano depois, ele se dá conta de que a piedade de seu filho no momento da agonia era insuficiente, de que a “boa morte” cristã, mesmo para uma criança, supõe que sejam cumpridos os ritos exigidos pela Igreja.

Em outra cena, os mesmos cruzados, considerados traidores por terem desertado da guerra santa, são levados aos aposentos de um bispo, que se encontra moribundo em sua cama, com um coroinha rezando a seu lado. Ao seu redor, médicos mantêm distância ao lado de aparatos medicinais, como bacias de sangria, e com roupas que lhes cobriam todo o corpo e máscaras pontudas associadas popularmente à peste. Nesse ponto, deve-se atentar para o anacronismo no uso de tais aparelhos no século XIV (Boeckl, 2000). O religioso, por sua vez, tinha a doença já em um estado avançado e um grupo de bubões exageradamente grande em sua testa, o que gerava um alto grau de desfiguração facial; é, novamente, necessário problematizar os bubões, exagerados por conta da dramaticidade filmográfica. Contudo, pode-se fazer uma análise do próprio exagero, visto que Delumeau (1989), Le Goff e Schmitt (2006) explicitam um exagero proposital da pestilência pelos cronistas da época: fosse pela

descrição da Igreja, que visava ao convencimento das pessoas da ira divina, ou do próprio psicológico da população durante a epidemia. Novamente atribuindo a pestilência à fúria celestial, o bispo agora traz um novo elemento ao culpar um intermediário, nesse caso, a bruxa (Delumeau, 1989), explicando que era necessário um ritual específico para retirar seus poderes e curar a pestilência.

O meio do filme é mais voltado à ação e ao enredo, no entanto, informações sobre a peste permeiam a trama e aparecem em diversas cenas. Enquanto os cruzados e seu grupo, agora a serviço do bispo, saem da cidade, as pessoas xingam e maldizem a bruxa, buscando um culpado para seu sofrimento. Enquanto isso, o bispo morre em seu leito, com os médicos retirando o equipamento e as máscaras, comportamento improvável, considerando o temor de contágio. Nesse meio tempo, outro religioso aplicava a extrema-unção a seu superior, comportamento dúbio, embora não sem precedentes (Quírico, 2012).

Em outra cena, um diálogo entre um padre e um dos cavaleiros que escoltam a bruxa atribui a ela a culpa, reforçando a reponsabilidade de bruxas e hereges, dizendo que de quinze dias de sua chegada, a peste espalhou-se pelas cidades onde ela passou, apesar do cavaleiro contrapor que sua vila foi infectada sem a presença da bruxa. Outras cenas rápidas mostram cadáveres envoltos em lençóis sendo levados para carroças de corpos e uma mulher sofrendo da peste com a face desfigurada por bubões. Uma cena, em particular, mostra uma cova comum, porém descoberta, algo que provavelmente não aconteceria, visto a necessidade de enterrar os corpos para que ressuscitassem no dia do julgamento (Quírico, 2012). Da mesma forma, um cachorro aparece na cova, com alto nível de infecção e bulbos por toda extensão de suas costas. Apesar de animais serem infectados, os sintomas são, novamente, exagerados em favor de maior dramaticidade cinematográfica.

As cenas posteriores do filme contêm maior quantidade de elementos sobrenaturais, com a revelação de que a bruxa era um demônio e, segundo a tradição hegemônica norte-americana, foi necessário derrotar fisicamente o mal. Ainda assim, algumas cenas contêm referências à peste, como os corpos encontrados quando o grupo chega ao mosteiro; diversos monges copistas estão amarrados às suas escrivaninhas, com pústulas em seus rostos e sangue em suas mesas. O desespero retratado por Delumeau (1989) se faz presente ao perceber a morte no último lugar onde deveria haver esperança de erradicar a peste, com o padre entregando-se à misericórdia divina. Um dos monges, morrendo pelas pústulas, recebe a extrema-unção com contato físico do padre, o que causou a morte de muitos religiosos (Quírico, 2012). O final do longa, por sua vez, deve ser profundamente problematizado, pois

se assoma aos anacronismos das datas, dando a entender que a peste acabou com o exorcismo do demônio, o que é extremamente impreciso, considerando a amplitude temporal extensa da epidemia. Segundo Delumeau (1989, p. 107), “durante todo o resto do século XIV e ao menos até o começo do XVI, a peste reapareceu quase a cada ano em um lugar ou outro da Europa Ocidental”.

Já o terceiro e último filme escolhido foi “Morte Negra”, do original em inglês “Black Death”. Lançado em 2010, com 101 minutos de duração, o filme teuto-britânico foi dirigido por Christopher Smith e produzido por Douglas Rae, Robert Bernstein, Jens Meurer e Phil Robertson, apresentando um elenco também conhecido, com atores como Sean Bean, Eddie Redmayne e Carice van Houten. Dos três filmes presentes neste artigo, é o que mais se aproxima em relação à peste, sendo esta não apenas seu pano de fundo, mas sua justificativa para o enredo da história. A peste, por sua vez, acompanha um jovem monge que, na esperança de rever sua amada proibida, se reúne a um grupo de soldados enviados pelo bispo para investigar rumores de uma aldeia imune à peste e trazer à justiça um possível necromante, uma espécie de feiticeiro herege especializado em falar e/ou reanimar os mortos.

O filme inicia com um narrador expondo características da Peste Negra ao espectador. Algumas já foram mencionadas anteriormente, como a crueldade da peste; as inúmeras mortes causadas por ela (chegando ao ponto de quantificar metade do reino, no caso, o da Inglaterra); a ira divina como explicação para a peste, apesar de o narrador expor sua descrença quanto a isso, pensamento que certamente não era bem-vindo na sociedade medieval, considerando o nível de influência da Igreja e sua explicação teológica para a epidemia (Le Goff; Schmitt, 2006). Embora o narrador culpabilize demônios e demonistas, retirando a culpa de Deus e pondo-a no diabo o que, apesar de plausível em forma artística, iria contra a noção eclesiástica de que aos demônios era permitido agirem por Deus para punir os pecados dos homens. O grande elemento de novidade que a cena inicial do filme traz, é a fala de cheiros e vapores, maléficos e venenosos, no ar, vindos dos mortos e do subterrâneo, que, segundo Delumeau (1989), Le Goff e Schmitt (2006), seriam uma das causas da peste elencadas pelos contemporâneos do medievo.

Na sequência dos primeiros dez minutos do filme, a aldeia onde o monastério se encontra é retratada como tomada pela pestilência. À noite, monges carregam corpos em esteiras, parcialmente cobertas por lençóis, ao som de sinos nas torres; deve-se observar que, segundo Delumeau (1989), o silêncio costuma ser regra dentre as cidades afetadas. É

demonstrada a análise de um cadáver, a procura de bubões, com varas longas e mantendo distância; o foco da câmera está na constatação da existência das pústulas especialmente nas axilas. Da mesma forma, um noviço em quarentena busca as feridas em suas axilas e virilha antes de sair de sua cela. Quando o corpo do monge é colocado na carroça, um médico da peste aparece com a cinematograficamente tradicional máscara de bico comprido, um anacronismo, embora seja conveniente explicar que ela servia para armazenar saís e ervas perfumadas, com o objetivo de evitar os já mencionados vapores da morte e preservar os “bons cheiros” (Bastos, 2009).

Ao amanhecer, conforme o noviço caminha pelas ruas da cidade, corpos estão sendo carregados para fora das casas, infectadas, sendo eles depositados aos montes, praticamente empilhados, ao lado do mosteiro, esperando um enterro que, normalmente, não acontecia. Novamente se explicita a cena dos miseráveis e desolados; doentes que vagavam pelas ruas, sendo que uma mulher caída ao chão simplesmente havia sentado na rua e, sem sequer fechar os olhos, morrido. Na sequência, são mostradas mais pilhas de corpos, com as peles necrosadas em tons negro-azulados, com ratos passeando entre eles. Curioso, entre os filmes, considerando-se o mito da prevalência do rato como único responsável por espalhar a doença, que nenhuma das obras lhe dá enfoque considerável, algo que deveria ser mais bem abordado nos processos de educação histórica e que vai de encontro com as palavras de Delumeau (1989, p. 110) sobre essa problemática:

Mas a pesquisa médica atual interroga-se sobre o “dogma do tato” no que concerne à peste bubônica. Sem dúvida, a história dessa doença desde as origens permanece ligada à do rato. Mas, em inúmeras epidemias de peste bubônica, parece que o fator multiplicador, o principal agente de transmissão teria sido, não o parasita murídeo, mas a pulga do homem passando de um hospedeiro agonizante para um hospedeiro são.

Na cena seguinte, outra característica particular dos períodos de epidemia da peste é apontada quando o monge fala com sua amante, incitando-a a sair da cidade, uma vez que não havia cura ou salvação dentro de seus muros. Citando a fúria divina como inclemente, ele a aconselha a fugir para o interior, o campo e a floresta como lugares mais seguros, o que é evidenciado nas análises de Delumeau (1989, p. 119) e Le Goff e Schmitt (2006).

Após a chegada dos enviados do bispo, com os quais o noviço se junta na condição de guia para a vila que era seu destino, o filme conta com uma série de pequenas cenas e diálogos que reforçam as ideias centrais da peste, raramente se desviando do que poderia ser

considerado histórico, com a exceção das opiniões um tanto laicas do religioso, que, embora não impossível, seria inusitado para um clérigo católico do período, correndo risco de ser chamado de herege por isso. Ainda assim, a cena da chegada dos cavaleiros é emblemática nesse sentido, pois, ao insinuarem que a vila é imune à peste, o monsenhor do mosteiro alega a absurdez de qualquer lugar poder escapar à ira de Deus, fervor religioso de que Le Goff e Schmitt (2006) falam a respeito. A preocupação dos cavaleiros, além de levar um possível herege para julgamento, é que esses rumores se espalhem e influenciem os “menos educados” a se desviar da orientação da Igreja.

Ao saírem da cidade, covas comunais estão sendo abertas e corpos esperam para serem depositados ao lado delas. Igualmente, perto dos cadáveres no perímetro ao redor da cidade, uma série de fogueiras queima diariamente; embora seu propósito não seja especificado pelo filme, sua função é a de purificar o ambiente dos maus cheiros. A associação da peste com o fogo, purificador, purgador, é feita no período medieval e continua nos séculos adiante, assim como a associação da punição divina pela pestilência às flechas, que, por sua vez, tem sua origem em períodos ainda mais antigos, sendo mencionada na *Ilíada*. Como afirma Delumeau (1989, p. 133): “Um religioso português do século XVII, evocando por sua vez a peste, descreve-a como um fogo violento e impetuoso”.

Após sair da cidade, o discurso dos soldados acerca da vila a qual pretendem ir reforça novamente a culpabilidade de hereges, demônios e demonistas; sua missão, capturar o líder para confissão e execução. É tão forte o sentimento de terror que, em outro trecho, uma mulher está sendo acusada de bruxaria e de causar a peste em sua vila, embora se diga inocente. Certo de que a queimariam, o cavaleiro do bispo corta sua garganta, como forma de misericórdia, porém a imolação do corpo era uma punição comum durante a Idade Média. Não apenas as bruxas, mas também os judeus (Le Goff; Schmitt, 2006; Follador, 2016) foram queimados em números altíssimos, acusados de envenenar os poços e causar, dentre outras doenças e malefícios, a peste bubônica. A visão de punição divina também aparece em outras cenas, como um diálogo sobre a guerra na França, onde inúmeros prisioneiros foram executados, o que teria atraído a ira divina sobre os ingleses, ou o encontro com um grupo de flagelantes que infligia lacerações a seus corpos como penitência por seus pecados. Como diz Quírico (2012, p. 149): “Afinal, como explicam Le Goff e Truong, a salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal. E a autoflagelação era considerada o rito penitencial por excelência”.

Conforme os membros do grupo percorrem a estrada e passam por outras localidades, vilas devastadas, com corpos por todos os lados e poucos sobreviventes, reforça-se a noção de morte generalizada e abandono de diversas localidades. Em dado momento um dos membros da comitiva começa a cuspir sangue, ao que seus colegas evitam contato, temendo a infecção. Quando é constatada a presença de bubões nele, decide-se abandoná-lo; sua justificativa para não ter contado antes pode ser considerada a solidão e o medo eminente da morte, e ele escolhe a “misericórdia” antes de perecer pela peste, sendo executado por seus companheiros após o monge lhe conceder a extrema-unção e ouvir sua confissão – seu corpo é deixado para trás. Naquela noite, o cavaleiro e o monge discutem sobre a natureza da peste, ao que o soldado diz estar certo de que demônios e necromantes andam entre eles e são os responsáveis pela pestilência; o monge diz não estar tão certo.

Uma última cena antes da chegada ao vilarejo é curiosa não por tratar da peste em si, mas de suas consequências diretas. Por conta da grande mortandade provocada por ela, houve uma desregulação da sociedade tradicionalmente estruturada. Nesse cenário a violência cotidiana e religiosa passam a ser ordem do dia com o aumento exponencial do número de saqueadores. (Le Goff; Schmitt, 2006). A cena mostra uma batalha entre rufiões bandoleiros e os soldados da comitiva do bispo, exemplificando a situação recém mencionada.

Após a comitiva chegar ao vilarejo de destino, o discurso da peste toma a forma de reforço da punição divina: mesmo os habitantes, pagãos e hereges que não acreditam na proteção divina, reproduzem o discurso da ira de Deus como fonte da pestilência. O fato de a peste não ter chegado ao vilarejo e da igreja local estar destruída leva os cavaleiros a proclamar que, por não ter Deus em seu meio, aquela comunidade era maléfica, herética, e sofreria por isso. Em vias de certificar a explicação sobrenatural, um ritual de “necromancia” é encenado pela líder da vila, que consegue “ressuscitar” uma pessoa, causando forte impressão no monge, validando suas crenças no extranatural da doença. Depois de uma artimanha com venenos tranquilizantes, a comitiva do bispo é capturada pelos hereges, que os torturam e executam um a um, a menos que reneguem a Deus. Embora tais atos não sejam particularmente comuns no medievo, ao contrário de grupos luciferianistas ou de cristãos heréticos que discordavam da interpretação da Igreja sobre Cristo, a reação dos cavaleiros evidencia a dominação religiosa do pensamento medieval; mesmo os hereges do vilarejo não negam a existência de Deus ou que a peste seja Sua ira.

A maioria dos cavaleiros se recusa a renegar Cristo, ao passo que são executados e, o único que renega, também acaba por ser executado, pois os habitantes do vilarejo tinham a crença de que apenas sangue cristão manteria a doença cristã longe. É nesse momento também que o monge tem uma epifania de fé, ao ver sua amada, que havia morrido e sido “ressuscitada” pela necromante, moribunda, imaginando que ela estaria no Purgatório. Na execução do cavaleiro líder, também há uma dimensão forte de fé, pois, mesmo em morte, o homem alega ser a ira divina personificada e mostra bubões em seu peito e axilas, revelando estar com a praga e contaminando os locais antes de sua morte. Enquanto o pânico se espalha e os cavaleiros sobreviventes escapam, o monge persegue a necromante até o pântano, onde ela lhe revela que nunca houve necromancia, apenas truques para que as pessoas a idolatrassem como uma milagreira. Apesar da negação da explicação sobrenatural por parte dela ser incomum para o medievo, suas ações levaram uma vila antes pacífica a executar cristãos para evitar a peste, reverso espelhado do que os cristãos fizeram com bruxas e judeus (Delumeau, 1989; Follador, 2016).

A cena final trata sobre o destino dos personagens e seria mais adequada para abordar tema de caça às bruxas do que da peste, apesar de seu profundo correlacionamento. No entanto, a fala do narrador, revelado como sendo um dos cavaleiros sobreviventes, discorre sobre a falta de propósito maior da peste, que nenhuma magia ou sacrifício protegia realmente a vila – noções claramente contemporâneas inseridas no filme, embora possa se inferir que a causa divina continuou como explicação provável do desastre, uma vez que as ações do cavaleiro que espalhou a peste na aldeia podem ter sido creditadas à ausência da necromante que “protegia” o vilarejo. Mesmo assim, a própria dita imunidade da vila apresenta outra questão sobre a peste: os lugares que sobreviveram sem tantas mortes. Apesar de raros, alguns lugares mais remotos, em montanhas ou outros acidentes geográficos de acesso mais difícil, sobreviveram com pouquíssimos casos da doença (Le Goff; Schmitt, 2006).

PROPOSTA PARA SALA DE AULA

Não é do escopo deste artigo fornecer um modelo de análise cinematográfica único para uso em sala de aula, senão expor algumas questões acerca da utilização de material fílmico e elencar algumas possibilidades e usos para auxiliar o professor de História, que poderá utilizar os filmes descritos e problematizados acima em suas aulas; filmes que, por

sua vez, apenas exemplificam uma tipologia de um universo muito mais extenso de obras sobre o medievo, e devem ser eles próprios considerados como sugestões, não as únicas propostas de análise do meio. Para um melhor entendimento do assunto, é recomendada uma leitura mais aprofundada da obra de Napolitano (2003), onde passos específicos, tabelas de análise, dicas de filmes e de roteiros estão esquematizadas de forma organizada e sistêmica.

Para começar uma análise contundente acerca dos filmes, o professor pode recordar seu papel dentro da sala de aula, não como detentor único do conhecimento, senão como mediador dele. Forçar aos alunos qualquer filme por simples capricho ou predileção do professor não é eficiente nem ético. Como nos dizem Lima e Azevedo (2013, p. 140) sobre o ensino de História: “As propostas curriculares de ensino de História, dentro dos padrões mais atualizados, preocupam-se em envolver o aluno por meio da problematização das temáticas, partindo de uma abordagem que privilegie o mundo cultural do discente”, de modo que se deve levar em conta a realidade do aluno na escolha e utilização dos filmes, sendo os aqui apresentados, como já mencionado, apenas alguns exemplos das possibilidades. Entretanto, não é apenas o gosto dos estudantes que deve ser levando em conta quando da escolha e elaboração de atividades para a sala de aula.

Ao utilizar produções cinematográficas em sala, como as propostas elencadas no decorrer do artigo, deve-se atentar para uma série de fatores. Em primeiro lugar, quais são os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos temas do filme e, especialmente, daquilo que se pretende focar. Nesse caso, quais são os conhecimentos deles sobre a Idade Média e, especificamente, a Peste Negra? Convém, caso isso já não tenha sido feito, apresentar o conteúdo mediante o suporte do livro didático ou outro recurso antes da exibição do filme, caso ele não seja utilizado como medida introdutória do mesmo. Além disso, segundo Napolitano (2003), deve-se conhecer a cultura cinematográfica da classe; quais seus gostos, suas preferências, seu conhecimento de técnicas de produção das obras da sétima arte. É preciso, ainda, considerar a faixa etária dos alunos. Levando em conta o teor adulto, por vezes de terror, dos filmes selecionados, não seria aconselhável utilizá-lo em uma turma infantil ou de pré-adolescente não apenas por sua exposição gráfica de violência e morte, mas também pela necessidade de um senso crítico e do desenvolvimento de uma capacidade de abstração maior para compreender certos aspectos do filme, tanto de sua trama como da análise histórica da peste. Portanto, recomenda-se o uso dos filmes em turmas do Ensino Médio, que têm uma faixa etária normalmente entre quatorze e dezoito anos, ou superior, respeitando a classificação indicativa de cada longa-metragem.

Após atentar às especificidades da turma na qual o professor irá utilizar os filmes, é necessário pensar em uma atividade para desenvolver com a turma e proporcionar uma oportunidade de exercício do pensamento crítico. Acaso as produções estejam sendo utilizadas para adentrar o conteúdo de medievo, a exibição de outras cenas pode ser útil; contudo, se o filme for utilizado apenas para introduzir a peste, como primeiro contato dos alunos, uma atividade possível após a exibição do filme é uma conversa entre o professor e os alunos na forma de uma aula expositiva-dialogada. O professor poderia instigar os alunos com perguntas sobre o filme para direcioná-los à introdução do assunto; o filme “Caça às Bruxas” é particularmente útil nesse sentido, pois oferece a perspectiva de dois contemporâneos da peste vendo-a pela primeira vez, com determinados anacronismos históricos. Estes, porém, podem ser úteis na aula, pois permitem ao professor explicar as nuances do cinema e como os interesses midiáticos prevalecem sobre abordagens históricas para passar uma mensagem. Nesse sentido, Pinsky (2010, p. 191), ao analisar filmes ambientalistas, afirma:

O cinema é uma das invenções mais significativas e sedutoras do mundo moderno. Entretanto, por mais fascinante que seja, é importante não esquecer que, por trás de um bom ou péssimo filme, pode haver uma poderosa indústria cinematográfica movida por interesses econômicos, políticos e culturais. Por outro lado, conceber o cinema apenas como um “setor industrial” seria incorrer numa visão ingênua ou reducionista. Em se tratando de uma produção da cultura humana, o cinema também incorpora e reflete a complexidade e as tradições da sociedade.

Essa mesma oportunidade se faz presente no filme “O Cavaleiro das Trevas”; ao problematizar as cenas do filme, desde a escolha da maquiagem até a aparição do elemento sobrenatural dos mortos-vivos, pode-se dialogar sobre a importância da indústria cinematográfica e as diferenças entre uma produção de maior e outra de menor vulto. Contudo, por excelência, este filme em particular pode ser analisado em conjunto com a disciplina de Artes, uma vez que apresenta paisagens do interior do país de Gales, um dos locais atingidos pela peste e, especialmente, pelas iluminuras presentes em sua introdução, que podem ser utilizadas para discorrer sobre a influência da doença na arte e seu viés punitivo, com a explicação do castigo divino e as flechas, as punições, os esqueletos, a morte e a peste.

Outra possibilidade de atividade a ser realizada com os filmes é um roteiro de relatório. Nele, pode-se perguntar, mediante o conhecimento prévio dos alunos sobre o

assunto, diversas questões. Sendo o filme método de introdução do conteúdo, pode-se perguntar de que as pessoas estavam morrendo, por que isso estava acontecendo, quando e onde isso aconteceu, qual a explicação que as personagens dão à peste etc. Por outro lado, se os alunos já têm um conhecimento prévio sobre o assunto, as perguntas podem ser mais aprofundadas como, por exemplo, quais os principais sintomas da peste apresentados no longa-metragem, qual a reação das pessoas mediante a presença da doença, quais os métodos de prevenção utilizados, ou mesmo questões de cunho sociológico, como quais as principais consequências da grande mortalidade da doença.

O roteiro de “Morte Negra”, rico na quantidade de referências à peste, pode ser utilizado como objeto de um roteiro analítico por possuir maior riqueza de detalhes em relação à peste que os outros dois longas-metragens propostos, tanto por seu tamanho como por sua intenção em não tornar o sobrenatural algo físico, concreto, o que possibilita uma compreensão mais abstrata da presença ou ausência do sagrado durante a pestilência sendo, portanto, mais adequada para compreender a explicação da punição divina como causa dos infortúnios da sociedade. Da mesma forma, a cena final da obra pode ser utilizada na problematização dessa mesma questão, uma vez que o narrador alega que a peste não representava nenhum propósito maior, senão uma ocorrência natural. O nível de interpretação mais elevado que esse tipo de reflexão propõe, embora difícil, deveria ser instigado e preconizado pela escola moderna, cujo principal pressuposto é o de desenvolvimento do estudante como pessoa crítica perante o mundo. Como assevera Lôbo (2010, p. 81):

O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de qualquer preconceito novo, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis.

Ainda outra sugestão de atividade é um debate entre os alunos (Napolitano, 2003) a partir da orientação do professor. Pressupondo um conhecimento prévio relativamente extenso, os estudantes podem discutir entre si aspectos principais do filme e sua historicidade ou a falta dela. Esta atividade, se realizada desse modo, pode incluir outros temas do período medieval, como a questão dos hereges e das feiticeiras, amplamente demonstrada tanto em “Morte Negra” como em “Caça às Bruxas”, ou uma problematização dos principais aspectos

sociais, políticos e econômicos apresentados no pano de fundo de cada produção, tornando-se, assim, um instrumento de avaliação abrangente, interdisciplinar e dinâmico, evadindo-se às clássicas provas de múltipla escolha.

CONCLUSÃO

Ao final da análise de cada filme, pode-se concluir que as três obras apresentam características específicas sobre a peste bubônica, especificamente do século XIV, como a punição divina, a atribuição de culpa aos hereges e às bruxas, os principais sintomas biológicos da pestilência, sua forma de contágio, o período de maior ação da doença e a reação das pessoas frente a ela; embora tomem diversas licenças poéticas e não se baseiem apenas em uma versão historiográfica dos acontecimentos, por não ser seu intento.

Contudo, a abundância de cenas, temas e temáticas retratadas por cada uma das obras pôde providenciar material amplo para uma análise interdisciplinar de cada filme em sala de aula, com as principais sugestões deste artigo sendo análises em conjunto com a turma mediante uma aula expositiva-dialogada, elaboração e resposta de roteiros acerca dos longas, ou debates sobre os aspectos históricos presentes em cada produção, utilizando os próprios desvios historiográficos de cada filme como uma oportunidade de problematizá-los.

Portanto, conclui-se, a partir do estudo dos filmes, que estes contêm um repertório de cenas plausíveis de análise historiográfica sobre o assunto proposto, com capacidade para a elaboração de atividades referentes à prática do lecionar. Também apresentam uma oportunidade dinâmica de propiciar, de forma interdisciplinar, o pensamento crítico dos alunos perante os acontecimentos históricos, mais importante fim do ensino de História.

Por fim e não menos importante, paralelismos entre a Peste Negra e a condição de pandemia decorrente da COVID-19 seguramente vão brotar no diálogo de sala de aula. Abre-se aqui um outro debate que não foi objeto dessa análise: o conhecimento significativo. O professor de História, diante de um tema tão latente, não deve se esvair de problematizar com seus alunos assuntos que afetam o seu cotidiano e que podem ser fomentados a partir dessa proposta.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Mario Jorge da Motta. *O Poder nos tempos da Peste (Portugal, Séculos XIV/XVI)*. Niterói: EdUFF, 2009.
Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/index.php/livros/481-o-poder-nos-tempos-da-pestes-portugal-seculos-xiv-xvi>. Acesso em 20 out. 2020
- BOECKL, Christine M. *Images of plague and pestilence: iconography and iconology*. Kirksville: Truman State University Press, 2000. p. 15, 27.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300- 1800, Uma Cidade Sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOLLADOR, Kellen J. “A relação entre a peste negra e os judeus”. *Revista Vértices*, São Paulo, n. 20, 2016.
- Gottfried, Robert. *The Black Death. Natural and human disaster in medieval Europe*. New York, Free Press, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução de Hilário Franco Junior. Bauru: EdUSC, 2006.
- LIMA, Aline Cristina da Silva; AZEVEDO, Crislane Barbosa de. “A Interdisciplinaridade no Brasil e o Ensino de História: Um Diálogo Possível”. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 2, n.3, jul./dez. 2013.
- LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PINSKY, Carla B. (Org.). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2010.
- QUÍRICO, Tamara. “Peste Negra e Escatologia: Os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV”. *Revista Mirabilia – Mística e Milenarismo na Idade Média*, n. 14, p. 135-155, 2012. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-14-2012-1>. Acessado em 20/10/2020.
- WILLIMAN, Chaucer Daniel. *The Black Death. The impact of the fourteenth-century plague*. *Medieval & Renaissance Texts & Studies*, v. 13, 1983.

FONTES / FILMES:

CAÇA às bruxas. Direção: Dominic Sena. Roteiro: Bragi F. Schut. Produção: Alex Gartner e Charles Roven. Estados Unidos, 2011. Ação, Aventura, Fantasia. 95 min.

MORTE negra. Direção: Christopher Smith. Roteiro: Dario Poloni. Reino Unido, Irlanda do Norte, 2010. Drama, Mistério, Terror. 102 min.

O CAVALEIRO das trevas. Direção: Mark Atkins. Produtores: Erika Steele, Jeffrey Giles e Michael Lurie. Inglaterra, 2013. Terror. 82 min.

Recebido em: 18/04/2021
Aprovado em: 17/05/2021